

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

"O VALENTINIANISMO NO SÉC.II D.C.: UMA HERESIA CRISTÃ?"

V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO PROJETO DE ESTUDOS JUDAICO-
HELENÍSTICOS - PEJ -, 24-26 DE NOVEMBRO 2010

"HISTORIOGRAFIA E LITERATURA APOCALÍPTICA NO SÉC.I D.C.: ASPECTOS DA LITERATURA JUDAICA DO MEDITERRÂNEO ENTRE LEITURAS DO PASSADO E HISTORIOGRAFIA DO FUTURO"

Virna Sobral

Mestrado em História

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Os valentinianos eram um dos vários grupos cristãos existentes no séc.II d.C. Tais grupos eram considerados, pelos heresiólogos da época, como "hereges" ou "falsos gnósticos". O que se percebe, hoje, é que essa classificação era antes uma estratégia usada por tais polemicistas para definir sua própria identidade, visto serem tênues as fronteiras entre todos esses grupos, ao mesmo tempo em que desclassificavam o "outro".



O valentinianismo no séc.II d.C.: uma heresia cristã?

Nos primeiros séculos de nossa era havia uma variedade de grupos cristãos, e não apenas um, o de tradição apostólica, como muitos acreditam. Foi apenas a partir do séc.IV, quando o imperador Constantino tornou o cristianismo lícito, em 314, e depois, em 379, quando o cristianismo do Concílio de Nicéia foi declarado como a única forma correta, sendo proclamado religião oficial do Império em 391, que ocorreu a consolidação de um cristianismo uniforme, com credo e cânon definido¹. Com isso, as outras formas de cristianismo passaram a não mais ser toleradas institucionalmente, assim como sua respectiva literatura, já reduzida por vários motivos.

Nesse período vários escritores cristãos, a maioria padres do grupo de tradição apostólica, como Irineu de Lyon, Justino, o Mártir, Clemente de Alexandria, Orígenes de Alexandria, Tertuliano de Cartago, Hipólito de Roma e Epifânio de Salamina escreveram tratados em que refutavam a teologia e a prática desses grupos cristãos. Numa tentativa de afirmar a identidade de seu próprio grupo, acusavam seus "oponentes" de apresentar problemas morais como arrogância, orgulho, inveja, impiedade e imoralidade sexual, entre outros². A estratégia mais reconhecida era a de nomeá-los "hereges", enquanto chamavam a si próprios de verdadeiros discípulos, ou verdadeiros cristãos.

Sabe-se que um desses grupos eram os valentinianos, que tinham esse nome a partir de seu fundador, Valentino. Os heresiólogos Justino, o Mártir e Irineu de Lyon relataram a

¹ Hubertus Drobner. *Fathers of the Church*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007.

² Karen L. King. *What is Gnosticism?* Cambridge, MA / London: Harvard University Press, 2003. P.30.



presença de Valentino e dos valentinianos em Roma, na metade do séc.II d.C.. Data-se a última aparição conhecida dos valentinianos em 388³.

Diz-se que Valentino chegou a Roma por volta do ano 140, onde esteve ativo até o ano de 160, aproximadamente. Organizou uma comunidade que se defendia como cristã, baseada na idéia de uma "semente espiritual". Tal comunidade era considerada uma *ekklesia* (igreja), não apenas uma "escola" no sentido filosófico. Havia uma iniciação essencial por meio do batismo, assim como outras práticas rituais semelhantes às de outros cristãos, como a crisma e a eucaristia, e sabe-se que Valentino escreveu salmos e homilias para serem usados em sua comunidade, mas parece não ter escrito tratados sistemáticos. A importância de Valentino mostrou-se na continuação do uso de seus salmos e na inspiração derivada de suas homilias e cartas. Acredita-se, contudo, que Valentino tenha propagado algum tipo de doutrina sistemática, ao menos oralmente, visto a proliferação de escritos entre seus seguidores⁴.

"Valentinianos" é um termo usado pelos heresiólogos em seus textos. O primeiro a usar esse termo foi Justino, o Mártir⁵, dizendo ser apropriado que os heréticos fossem nomeados a partir do nome de seu fundador, Valentino, assim como os filósofos *aireseij* dos pagãos (*Dial* 35:6). Ele admite, contudo, que eles mesmos se chamavam de cristãos (*Dial* 35:2.6).

Até o início do séc.XX os estudiosos da área possuíam, principalmente, os relatos dos heresiólogos a respeito

³ Einar Thomassen. *The Spiritual Seed. The Church of the "Valentinians"*. Leiden / Boston: Brill, 2008. P.491.

⁴ Thomassen, *Spiritual*, p.492.

⁵ Justino, o Mártir. *Diálogo com Tripho* in: Alexander Roberts e James Donaldson (eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1977-1987. Vol.1. P.294.



desses "outros" grupos cristãos⁶. Em 1945, com a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi (um conjunto de quase sessenta textos encontrados em uma caverna nas proximidades da cidade moderna de Nag Hammadi, no sul do Egito, na região de Chenoboskion⁷), novas informações foram adicionadas aos escritos dos polemicistas. Estudos preliminares foram suficientes para que se pudessem perceber semelhanças entre o conteúdo desses documentos e algumas das heresias descritas e denunciadas pelos escritores ortodoxos dos séc.II ao IV. Deve-se acrescentar aqui que modernamente utiliza-se a categoria "gnosticismo" para o conjunto de doutrinas dos grupos cristãos rechaçados pelos heresiólogos (apesar de haver diferenças entre elas), e "gnósticos" para esses próprios grupos.

A partir de então, uma das discussões que passou a constituir objeto de debate entre os pesquisadores foi a questão da relação entre ortodoxia e heresia; o quanto os escritos polemicistas estariam evitados ou não de preconceito, e se é apropriada a designação de "heresia" para as doutrinas dos grupos cristãos rechaçados.

No decorrer da História, e principalmente pelo modo como foram usadas, tais expressões acabaram adquirindo um significado valorativo, em que a ortodoxia se apresenta como a verdade e fato primeiro, e a heresia como o erro e desvio desse fato⁸. Contudo, vários pesquisadores vêm

⁶ Outras fontes conhecidas até então além dos relatos dos polemicistas: *Corpus Hermeticum*, *Codex Askewianos*, *Codex Brucianus*, *Papyrus Berolinensis*, *Odes de Salomão* e o *Hino da Pérola*, contido no apócrifo *Atos de Thomé* e na literatura dos mandeus.

⁷ Sobre a descoberta, cf. Jean Doresse. *Les livres secrets des gnostiques d'Égypte*. I. *Introduction aux écrits gnostiques coptes découverts à Khénoboskion*. Paris: Plon, 1958; James M. Robinson. "From Cliff to Cairo. The Story of the Discoverers and the Middlemen of the Nag Hammadi Codices" in: Bernard Barc (ed.). *Colloque international sur les textes Nag Hammadi*. Québec: Université Laval, 1981. Pp.21-58.

⁸ Marcel Simon. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.



questionando essa relação, levantando suposições em que a heresia, considerando o cristianismo primitivo como uma variedade de grupos e doutrinas, seria o dado primitivo, e a ortodoxia o ponto de vista de uma minoria que viria mais tarde a impor-se sobre todos os outros grupos⁹. Outros, ainda, questionaram o fato de se poder isolar duas grandezas como ortodoxia e heresia. Para esses, sendo o cristianismo primitivo um conjunto de tendências como poucas diferenças entre si, os extremos seriam a ortodoxia e heresia, e entre elas haveria uma gradação difícil de se limitar¹⁰.

A palavra "heresia" vem do grego **airesij**, e significava doutrina, escola, seita (filosófica, literária, religiosa, médica). Von Staden, por exemplo, ao falar da literatura médica Alexandrina, nos diz o seguinte a respeito de tal denominação:

A falta de testemunho quanto ao teor da literatura hairesis Alexandrina infelizmente nos deixa apenas vagamente informados sobre o que qualifica um grupo com o rótulo hairesis ou o que qualifica um indivíduo como membro numa hairesis. Porém a evidência sugere que um grupo com teorias razoavelmente coerentes e distintas, com um fundador reconhecido e com líderes identificáveis publicamente que articulam (a) sua rejeição de teorias rivais por meio de polêmicas fundadas teoricamente, assim como (b) suas próprias alternativas sistemáticas, seriam qualificados como hairesis. Unanimidade em todas as questões doutrinas não é uma exigência [...] e nem um único centro geográfico nem qualquer organização institucional está necessariamente implícita por este uso de hairesis¹¹.

⁹ Walter Bauer. *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum*. Tübingen, 1964.

¹⁰ Henry Ernest William Turner. *The Pattern of Christian Thought*. Londres: Mowbray, 1954.

¹¹ Heinrich von Staden. "Hairesis and heresy: the case of the *hairesis iatrikai*" in: *Jewish and Christian Self-Definition*. Philadelphia: Fortress Press, 1982. Pp.76-100. Vol.3.



Porém, como nos mostra King¹², o termo "heresia" foi usado pelos polemicistas de um modo pejorativo, ao contrário de como era utilizado pelos gregos. Como dito, chamar outros grupos cristãos de "hereges" foi a estratégia mais marcante encontrada pelos heresiólogos para não apenas classificar (ou desclassificar) o outro, mas também para afirmar sua identidade. Ao descrever as crenças e práticas de seus oponentes, Irineu mostrava que, em contraste com a harmonia e unidade da verdadeira Igreja e seu credo único, os heréticos não tinham nenhuma unidade social ou unanimidade quanto à doutrina, apresentando opiniões inconsistentes e líderes que não concordavam entre si¹³.

Além de utilizar os termos "hereges", "heréticos" ou "heresias", tais autores polemicistas ocasionalmente se referiam a esses grupos que desaprovavam como "gnósticos", acrescentando que eles mesmos se denominavam de tal maneira¹⁴. Para Irineu de Lyon tal denominação parece ter um sentido pejorativo, já que ele sustentava que aquilo que possuíam era uma "falsa gnose" (*gnosis*, do grego, significa "conhecimento"). Sua própria obra *Contra as heresias* (*Adversus haereses*) tinha como título inicial *Exposição e queda do que é falsamente chamado "conhecimento"*. O termo "gnósticos" era também empregado de maneira positiva, como no caso de Clemente de Alexandria, ao se referir a cristãos que tinham progredido em seu caminho de entendimento espiritual. A "gnose" era, como se pode perceber, algo a ser buscado por todos os cristãos. Há, contudo, certa confusão entre as categorias de "hereges" e "gnósticos";

¹² Karen L. King. *What is Gnosticism?* Cambridge, MA / London: Harvard University Press, 2003. P.23.

¹³ Irineu. *AdvHaer* 1:11.1 a 1:12.4 in: Irineu de Lyon. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁴ Idem, 1:11.1, 1:25.6, 1:29-30, 2 pref. 2, 2:13.8-10, 2:31.1, 2:35.2, 3:4.3, 3:10.4, 4:6.4, 4:33.3, 4:35.1, 5:26.2.



muitas vezes a segunda denominação aparece como sinônimo da primeira nos relatos de tais polemicistas.

Irineu de Lyon lista um catálogo de heresias no primeiro volume de sua obra acima citada. Em várias passagens Irineu usa o termo "os gnósticos" para se referir a um determinado grupo ou seita. Ele diferencia destes, contudo, Valentino, quando diz que ele adaptou os princípios da "seita chamada gnóstica" na formação de sua própria escola (*AdvHaer* 1:11.1), e que ele estabeleceu um certo ensinamento "de maneira similar aos dos falsamente chamados gnósticos que estarei descrevendo".

Epifânio de Salamina, por volta de 370 d.C., compôs o *Panarion*, também um catálogo de heresias da antiguidade. Epifânio usa a denominação "gnósticos" como um rótulo específico para apenas uma seita, ou um pequeno conjunto de seitas, que segundo ele apresentam nomes diferentes em vários locais: Estratióticos, Borboritas, entre outros (*Pan* 25:2.20). Epifânio parece fazer uma distinção entre esses "gnósticos" e certos grupos que modernamente são chamados assim: os valentinianos, os ofitas e os setianos, como numa passagem que ele parece ter copiado de Irineu, em que diz que Valentino estruturou sua doutrina a partir de adaptações dos "gnósticos" (*Pan* 31:32.2). Porém, em outro trecho, Epifânio diz que os "gnósticos" surgiram dos ensinamentos de Nicolas (*Pan* 26:1.1), ou de Nicolas e daqueles antes dele, inclusive os valentinianos.

Apesar dessas passagens em que Epifânio parece distinguir os "gnósticos" de grupos como os valentinianos e outros, ele diz que os valentinianos aplicam o termo "gnósticos" para eles mesmos e que essa auto designação é



usada por muitos outros grupos¹⁵, além dos que ele traz em sua lista de heresias.

Tertuliano de Cartago (200-220 d.C.) usa o termo "gnósticos" apenas três vezes, sempre distinguindo-os dos valentinianos¹⁶. Em outras obras, inclusive em sua *De praescriptione haereticorum*, ele não usa a denominação "gnósticos", nem diz que era usada como auto designação.

Irineu de Lyon, em seu livro *Contra as heresias*, expõe e refuta as doutrinas de todos os "hereges", a pedido de um amigo, segundo ele. No primeiro livro, mostra as teorias de cada um, os seus costumes e as características de sua conduta. No segundo, refuta suas teorias "perversas", desvendando-as e mostrando como são, em suas próprias palavras¹⁷. A palavra ortodoxia não é utilizada por Irineu, mas ao escrever que "a Igreja anuncia a verdade segura e que eles propõem um amontoado de erros"¹⁸, faz já uma diferença entre o que é certo e o que é errado, em sua visão.

Para os padres da Igreja, a verdadeira doutrina fora revelada por Cristo, que incumbira os apóstolos de propagar pelo mundo sua mensagem de salvação. Com o acolhimento de sua pregação, formaram-se várias comunidades ou Igrejas, nas quais os apóstolos instalaram bispos que ficariam encarregados de cuidar para que a verdadeira doutrina fosse fielmente difundida. Após esses primeiros, outros bispos ficaram encarregados da mesma tarefa. A ortodoxia, por intermédio dos bispos, remontaria aos apóstolos, e por fim a Jesus Cristo, como na primeira epístola de Clemente:

¹⁵ Epifânio. *Panarion* 31:1.1, 31:7.8, 31:36.4, 33:1.1, 31:1.5 in: Frank Williams. *The Panarion of Epiphanius of Salamis*. Leiden: Brill, 1994.

¹⁶ Tertuliano. *Adversus valentinianos* 39:2; *De anima* 18, *Scorpiace* 1:5 in: S. L. Greenslade (ed.). *Early Latin Theology: selections from Tertullian, Cyprian, Ambrose and Jerome. The Library of Christian Classics*. Philadelphia: Westminster Press, 1956. Vol.5.

¹⁷ Irineu. *Adversus haereses* 3:1.

¹⁸ Idem, 1:9.5.



Os apóstolos receberam para nós o evangelho do Senhor Jesus Cristo, Jesus o Cristo foi enviado por Deus. Portanto o Cristo é de Deus e os apóstolos do Cristo. [...] E nossos apóstolos sabiam, através de Jesus Cristo, que se iria contestar o título de bispo. Por isso, tendo sido dotados de perfeita presciência, instituíram os mencionados bispos e diáconos, adotando em seguida uma disposição pela qual outros homens de provada experiência deveriam sucedê-los em seu ministério, no caso de adormecerem¹⁹.

Assim, para mostrar sua ortodoxia, as Igrejas dedicaram-se a fazer uma lista de seus bispos, que descenderiam de um apóstolo. O palestino Hegesipo, em sua viagem para Roma por volta de 160, traçou as sucessões episcopais das Igrejas que visitou²⁰. Irineu de Lyon fixou a sucessão da Igreja de Roma detalhadamente; bastava estar de acordo com tal Igreja para mostrar a ortodoxia de outra Igreja²¹. Além desses, também Tertuliano retificou essa ortodoxia baseada na sucessão de bispos vinculados aos apóstolos²².

Os "gnósticos" tentavam provar que suas doutrinas também tinham relação com os apóstolos, e portanto com a palavra de Jesus. Valentino²³, por exemplo, dizia ser discípulo de Teodas, este discípulo de Paulo. Os heresiólogos, por sua vez, rebatiam tais afirmações, dizendo que suas sucessões remontavam apenas até o fundador de suas seitas²⁴ ou, quando muito, a Simão o Mago²⁵, para

¹⁹ 1 Clemente 42, 44 in: Kirsopp Lake. *The Apostolic Fathers*. London: Heineman / Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1965.

²⁰ Eusébio. *Historia eclesiástica* 4:22.2-3 in: Paul L. Maier. *Eusebius: The Church History*. Kregel, 2007.

²¹ Irineu. *Adversus haereses* 3:3.2.

²² Tertuliano. *De praescriptione haereticorum* 32.

²³ Id. *ibid.*; Orígenes. *Contra Celsum* 5:62 in: Henry Chadwick. *Origen: Contra Celsum*. Cambridge: Cambridge University Press, 1953.

²⁴ Irineu. *Adversus haereses* 3:4.3.

²⁵ Mencionado em At 8:9-25.



Irineu ancestral de todos os heréticos²⁶. Para ele, "todos os heréticos eram muito posteriores aos bispos, a quem os apóstolos haviam transmitido as Igrejas"²⁷.

Os heresiólogos diziam, assim, que a heresia teria surgido depois, fruto da curiosidade de alguns²⁸. Tertuliano tentava explicar esse desvio dizendo que tinha sido previsto pelas Escrituras²⁹. Os teólogos buscavam suas raízes, muitas vezes, na filosofia da época, como Irineu de Lyon³⁰ e Hipólito³¹, opinião retomada por Harnack, quando definiu que o gnosticismo seria uma helenização extrema do cristianismo³².

Em 1934, Bauer publicou uma obra em que essa relação clássica entre ortodoxia e heresia era questionada por ele, a qual obteve bastante repercussão³³. Ele procurou determinar a origem da ortodoxia e da heresia, historicamente, descobrindo que essa oposição não existia primitivamente, mas apenas no início do séc.II d.C. Para ele, as primeiras manifestações do cristianismo teriam sido heréticas, para usar a denominação dada a tais doutrinas mais tarde, ou seja, teriam mais semelhança, em seu conjunto, com o que mais tarde se chamaria de heresia do que com o que se denominaria ortodoxia.

A tese de Bauer permitiu um avanço nos estudos do cristianismo primitivo, e a partir daí ficou claro para os

²⁶ Irineu. *Adversus haereses* 3:1.

²⁷ Idem, 5:20.1.

²⁸ Orígenes. *Comentarii in epistulam ad romanos* 2:6 in: Origen. *Comentarii in Epistulam ad Romanos*. Herder, 1990; Eusébio. *Historia Ecclesiastica* 1:1.1; Clemente. *Stromata* 7:17.107.

²⁹ Tertuliano. *De praescriptione haereticorum* 4.

³⁰ Irineu. *Adversus haereses* 2:14.

³¹ Hipólito, em seu *Philosophumena*, escreveu no prefácio: "Iremos provar que suas opiniões procedem da sabedoria grega, das conclusões dos autores de sistemas filosóficos, dos pretensos mistérios e das divagações dos astrólogos..."

³² Adolf von Harnack. *Lehrbuch der Dogmengeschichte*. Tübingen, 1931-1932.

³³ Walter Bauer. *Rechtgläubigkeit und Ketzerei im ältesten Christentum*. Tübingen, 1964.



pesquisadores da área que o cristianismo primitivo era um conjunto de manifestações, ou seja, não exprimia sua fé em Cristo de uma única maneira. Bultmann, por exemplo, mostrou as distinções entre as pregações da comunidade primitiva, das comunidades helenísticas, de Paulo e de João³⁴. Daniélou também fala da corrente judeu-cristã e do cristianismo helenístico³⁵.

Em contrapartida, Turner³⁶ fornece uma análise teológica da natureza da ortodoxia e da heresia, algo não feito por Bauer. Turner busca determinar a conexão entre todos aqueles que invocavam a Cristo e as diferentes manifestações dessa fé; em seus próprios termos, a relação entre os elementos fixos e os elementos flexíveis do cristianismo primitivo.

Os elementos fixos da tradição cristã seriam os fatos religiosos cristãos, sem os quais não haveria cristianismo: crença no Deus soberano, no Cristo redentor, a prática eucarística. Esses seriam dados primitivos, que Turner designou como *lex orandi*, e que antecederam a *lex credendi*.

Além desses, ele menciona a revelação bíblica (nas palavras do Senhor, nos escritos dos apóstolos e nos relatos evangélicos, e o Antigo Testamento) e o Credo ou regra de fé.

Os elementos flexíveis vinham da terminologia e dos conceitos filosóficos helenísticos que se utilizavam na época, e também das personalidades individuais, que influenciavam a formulação da fé.

Nessa perspectiva, nas palavras de Turner, a ortodoxia representava "uma saudável tensão e recíproca interação"

³⁴ Rudolf Bultmann. *Theologie des Neuen Testaments*. Tübingen, 1954.

³⁵ Jean Daniélou. *Histoire des doctrines chrétiennes avant Nicée*. Vol.1. Tournai, 1958.

³⁶ Henry E.W. Turner. *The Pattern of the Christian Thought*. Londres: Mowbray, 1954.



entre as duas séries de elementos (n. 25, p. 302, nclio), que influíam na evolução e desenvolvimento das origens cristãs.

Essa dualidade, contudo, não é o suficiente para a definição da ortodoxia e da heresia, já que ambas se apresentavam como interpretações da tradição cristã. Aqueles chamados de "hereges" viam-se e chamavam-se de cristãos. O próprio Tertuliano dizia que era problemático determinar precisamente quem seriam esses hereges, já que entre eles havia pessoas consideradas como "os mais fiéis e sábios e os mais experientes membros da Igreja"³⁷.

Para Turner, a heresia distinguia-se da ortodoxia por rejeitar certas doutrinas explicitamente definidas pela Igreja, e por deteriorar o conteúdo específico da fé cristã, sendo um desvio, como no caso do gnosticismo, em que se encontravam elementos tradicionais ao lado de outros que não tinham a ver com o cristianismo. As fronteiras entre ambas, na verdade, eram variáveis; entre ortodoxia e heresia, os extremos, havia uma gradação, de modo que a distinção entre as duas, muitas vezes, era sutil.

Percebe-se, portanto, que essa relação entre ortodoxia e heresia no séc.II d.C. era, na verdade, visto a diversidade de grupos que se denominavam cristãos e com fronteiras bastante tênues entre si, uma tentativa de afirmação da identidade de certo grupo. No caso, o grupo de tradição apostólica, que classificava todos os outros grupos de "hereges" ou detentores de uma "falsa gnose", e até de "gnósticos", denominação que acabou se confundindo com o primeiro termo, em muitos casos. Chamá-los de "hereges" foi o modo encontrado pelos polemicistas para deixar "de fora" aqueles que diziam estar "dentro", ou seja, para desclassificar grupos que também se denominavam

³⁷ Tertuliano. *De praescriptione haereticorum* 3.



de cristãos, num processo que ao mesmo tempo conferia a eles próprios uma determinada posição, a de seguidores da única doutrina correta. Na verdade, como visto, havia uma certa confusão entre os próprios heresiólogos ao tentar delimitar tais grupos, sobre quem seriam ou não os "gnósticos" ou "hereges", e se determinados grupos, como os valentinianos, fariam ou não parte dessa classificação.